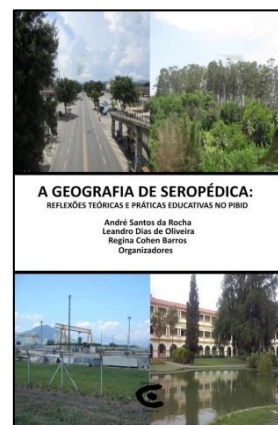


## NOTAS SOBRE O ENSINO DE GEOGRAFIA E O DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO DE SEROPÉDICA-RJ<sup>1</sup>

Matheus Gomes dos Santos<sup>2</sup>

Resenha de: ROCHA, André Santos da; OLIVEIRA, Leandro Dias de; BARROS, Regina Cohen. *A Geografia de Seropédica: reflexões teóricas e práticas educativas no PIBID*. Nova Iguaçu: Editora Entorno, 2015.



“*A Geografia de Seropédica: reflexões teóricas e práticas educativas no PIBID*”, livro organizado pelos professores André Santos da Rocha, Leandro Dias de Oliveira e Regina Cohen Barros [todos da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ], representa o desfecho das atividades realizadas pelo subprojeto PIBID Geografia 2011-2013, contando com a participação de alunos integrantes do projeto, e que pode ser vista como contrapartida à dívida que o corpo docente, discente e toda a Universidade

<sup>1</sup> Esta resenha está vinculada ao Grupo de Pesquisa “Reestruturação Espacial Contemporânea” [DEGEO-UFRRJ] e são parte do projeto de pesquisa “O Processo de Reestruturação Territorial-Produtiva do Oeste Metropolitano Fluminense”, sob liderança do Prof. Dr. Leandro Dias de Oliveira, desenvolvido com o apoio da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – FAPERJ (Auxílio Instalação / 2012 e bolsas de iniciação científica), do CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, por meio de bolsas de iniciação científica (PIBIC), iniciação à docência (PIBID) e de mestrado. Da mesma maneira, este estudo é integrante do projeto de cooperação internacional, entre a UFRRJ e a Universidade do Porto, intitulado “Reestruturação Espacial e Desenvolvimento Regional: Um Estudo Comparativo entre a Região Norte de Portugal e o Estado do Rio de Janeiro”.

<sup>2</sup> Licenciado em Geografia pela UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Bolsista PIBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica / CNPq. Membro do LAGEPPE – Laboratório de Geografia Econômica e Política e Práticas Educativas. E-mail: [math.gomesds@gmail.com](mailto:math.gomesds@gmail.com).

Federal Rural do Rio de Janeiro possuem com o município de Seropédica. Acreditamos – que se ressalve – que a universidade deva transbordar conhecimentos para seu entorno, pois pode partir dela as inovações científicas e impulsos de conscientização que permitam a melhora do bairro, município ou estado que está sediada.

Já em seu título pode-se perceber o enfoque de estudo do mesmo – o município de Seropédica – e é a partir deste espaço geográfico bem delimitado que são levantadas as análises, ideias, questionamentos e atividades contidas na publicação. Devido ao papel da ciência geográfica em estudar e interpretar as atividades, relações e reordenamentos ocorridos sobre o espaço, sendo muito bem vinda essa tentativa da obra em arquitetar uma maior interação e observação com a sua localidade. O livro nos possibilita uma divisão em dois grandes blocos: o primeiro (que engloba as partes I e II) com um viés mais teórico e explanador sobre visões, inquietações e objetivos da obra; o segundo (partes III e IV) com atividades práticas no ensino de geografia, que nos permitem avaliá-las como um desdobramento das análises feitas no primeiro bloco e será dentro dessa divisão que guiaremos essa análise.

## **INVESTIMENTOS PRODUTIVOS E DESDOBRAMENTOS LOCAIS**

O município de Seropédica está localizado no estado do Rio de Janeiro e situado na Baixada Fluminense, região do estado que é marcada por pouco desenvolvimento e por muitos índices negativos em pontos centrais do planejamento público, como: segurança, saúde, educação, transporte, dentre outros. E dentro desta realidade é que começa o primeiro artigo do livro, de autoria de um dos organizadores da obra, André Santos da Rocha, intitulado “*Os desafios de Seropédica no contexto metropolitano fluminense*”, que nos permite entender o contexto de formação e desenvolvimento do município e nos aponta algumas possibilidades e necessidades para possíveis melhorias. Com esses precedentes, nos revela o objetivo da obra e como a geografia pode facilitar numa melhor compreensão das dinâmicas dentro do município. Segundo Rocha (2015, p. 15), “*compreender as demandas hodiernas deste*

*município introduz demandas múltiplas, que devem ser observadas tanto para a formulação de políticas públicas quanto para construção de práticas educativas”.*

Com o avanço da leitura é perceptível que inicialmente há um caráter expositor de fatos que ordenaram o município em sua atual estrutura, e em seguida três questões a serem trabalhadas como fundamentais para um avanço econômico, social e ambiental mais adequado de Seropédica. Analisando os primeiros fatores, encontramos tensionamentos *políticos*, com a emancipação de Itaguaí, mesmo sem a devida estrutura necessária para a criação de um município; *estruturais*, com a chegada da UFRRJ, que colabora na ocupação do novo município; de *formação urbana*, com a urbanização do município ao longo da BR-465 [antiga rodovia Rio-São Paulo] e de *localização*, pelo posicionamento afastado do centro econômico do estado do Rio de Janeiro e necessitando de expansões do raio econômico para a sua integração com o fluxo de capital.

O segundo momento nos possibilita deslumbramentos atuais/futuros devido à aproximação dos investimentos econômicos do município, algo possível graças à implementação do Arco Metropolitano, investimento na infraestrutura do estado Rio de Janeiro para aliviar o fluxo de escoamento de mercadorias pelo centro da capital do estado. E com o posicionamento de Seropédica às margens do Arco e próximo a outras importantes vias de tráfego de produtos – como, por exemplo, a Rodovia Presidente Dutra – foi levantada a intenção de evidenciar Seropédica como um importante local para as questões logísticas da região por meio de incentivos fiscais e facilitando a apropriação de terrenos por empresas. Com essa nova vestimenta para o território seropedicense, a estrutura e dinâmica do município foram alteradas necessitando do aumento de infraestrutura para abarcar as novas empresas, novos locais e um reordenamento das áreas de moradia para melhor ocupação do espaço e uma melhor preservação dos recursos hídricos do município vindos dos aquíferos subterrâneos de Piranema e Campo Lindo e do próprio Rio Guandu – que são importantes para o município e para o estado, respectivamente.

No artigo seguinte, de outro organizador do livro, Leandro Dias de Oliveira, junto a Ariane Melchior Nunes da Horta, Carla Silva Cordeiro e Lidiane Salgado de Souza, conseguimos perceber um caminho central da obra, encontrando a

continuidade no discurso do aumento dos investimentos no município e com o foco na construção do Arco Metropolitano. Até essas duas etapas do livro, a única alteração possível que se poderia sugerir é referente à ordem dos textos ou mesmo uma fusão dos dois capítulos, podendo incluir o resgate histórico feito pelos autores com o passado ligado à produção de seda, passando pelo momento de chegada da UFRRJ e pela emancipação de Seropédica do município de Itaguaí.

A importância da UFRRJ como suporte e parceira visando projeções maiores para a entrada desses investimentos é relevante para os autores, que acreditam numa espécie de relação público-privada para a melhoria do *campus* central em Seropédica e avanço das empresas situadas e que irão instalar-se no município: “*A criação de um parque tecnológico configura uma importante característica do processo de reestruturação produtiva em curso: a aproximação entre o ‘ensino acadêmico’ e os ‘aportes técnico-produtivos privados’*” (OLIVEIRA *et al.*, 2015, p. 37). Não há dúvidas que este capítulo também carrega consigo a relação de dívida entre UFRRJ e Seropédica, necessitando esforços vindos da universidade para suprir esse saldo. A fala dos autores caminha para uma Seropédica cada vez mais presente na rota do capital, pela nova etapa de avanço dos investimentos feitos dentro do estado do Rio de Janeiro, alocando em seu território empresas de grande porte que são engrenagens para uma maior movimentação do capital não apenas na escala local, mas alcançando a escala global. Percebemos essa nova proposta com o aumento do interesse de montadoras automobilísticas de instalarem suas produções (ou fragmentos do processo) em Seropédica.

Seropédica, segundo estes argumentos, possui trunfos para a atração dos investimentos. Podendo partir da localização estratégica para formação de um polo logístico, pela grande área desocupada facilitando o repasse de grandes áreas para as indústrias e por ter uma universidade que possibilita o avanço tecnológico que necessita a economia (com o *campus* da UFRRJ). Mas conseguimos encontrar outro fator que embasa a vinda dos investimentos, que é a nova roupagem da cidade com a propaganda de sustentável (o que é visto na análise do segundo texto de Leandro Dias de Oliveira, intitulado “*A Construção do Desenvolvimento Sustentável na Cidade de Seropédica*”), almejada como o novo passaporte para o mundo da rotação de capital

pelo seu território. Nessa segunda etapa das análises sobre os recentes acontecimentos em nosso município, encontramos uma organização municipal voltada em demonstrar, mesmo que antes dos resultados, a “postura sustentável”. Logo, a administração municipal se esforça paulatinamente em exibir no *site* da prefeitura o *slogan* sustentável e dissemina, através de ações pontuais em colégios e áreas da cidade que não representam propostas reais e objetivas para os principais problemas do município. Estes problemas passam pela manutenção do CTR [Central de Tratamento de Resíduos] de Seropédica – que foi instalada no município com o projeto de transformar os resíduos em energia e passou a ser um grande problema por conta da provável contaminação das águas subterrâneas do município que são as principais reservas de abastecimento dos locais – e possivelmente pela adequação dos índices de poluição das novas empresas recentemente instaladas. Nos deixa bem clara a real intenção do município quando em Oliveira (2015, p. 49) lê-se que: *“bastou que a cidade de Seropédica iniciasse um movimento de industrialização, com um processo ainda preliminar de reordenamento logístico do território, para que a questão ambiental emergisse nas políticas públicas”*. Essa postura não é exceção do município seropedicense, mas sim um retrato das condições do sistema internacional econômico. Que a cada ciclo adapta novas regras e fatores para a inclusão ou exclusão de certas regiões da circulação do capital.

Terminando a análise desta primeira parte do livro conseguimos ter a visão e projeção para onde está caminhando o município e por qual via de raciocínio caminha a obra como um todo, pois há a explanação dos principais pilares do município na esfera econômica. Com essa visão, os autores introduzem as questões sociais da região tecendo comentários críticos e possibilitando com seus argumentos e dados um caminho a ser seguido pelo município por meio da estrada do conhecimento geográfico, reconhecendo, assim, a devida importância do estudo do espaço geográfico e dos agentes que atuam sobre ele.

## A CIÊNCIA GEOGRÁFICA EM PROL DA ESCOLA

A segunda parte do livro, intitulada de “*Reflexões Teóricas sobre o Ensino de Geografia*”, introduz o lado educacional e como a geografia pode ir além uma visão básica do mundo transformando-se em algo que possibilite um olhar crítico desde o que está ao seu redor até uma visão da complexa importância dos lugares em suas diferentes escalas para o funcionamento pleno da sociedade global.

O primeiro capítulo desta segunda etapa é derivado dos esforços de André Rocha, Jefferson Vinco e Thiago Santos, que juntos propuseram-se a apontar e debater sobre os caminhos e formas que são utilizados para a transmissão da geografia dentro da sala de aula. E para facilitar o enquadramento do estudo, guiaram o diálogo em cima de três críticas principais: o problema da restrição à escala mais próxima do aluno para a disseminação do conhecimento, a escolha dos conteúdos utilizados nas aulas de geografia e a falta de estrutura para o professor e do ambiente escolar. Para o entendimento do grupo, é função do geógrafo incitar o cidadão a questionar e observar as interações no espaço, possibilitando uma análise mais crítica e mais próxima dos acontecimentos.

A “lugarificação” (termo utilizado pelos autores) refere-se às ações que reduzem o ensinamento a escala local, pois para o “senso comum acadêmico” (se é que é possível sua existência) a forma de ser transmitido o conhecimento para os alunos é utilizando a menor escala de observação. Acarretando diversos equívocos e cortes para a aprendizagem dos alunos que devido a essa ideia limitada da escala renegáramos importantes partes do que realmente é papel da geografia ensinar, como: os blocos econômicos, as diferenças e interações entre diversas nações, os agentes moderadores da economia global, a importância da análise dos fatores de formação do relevo para a organização do seu bairro e muitos outros que fogem da alçada da escala local. Porém a utilização do local para a inserção do conhecimento não pode ser descartada de forma radical e, sim, aproveitada de forma inteligente. Isto proporcionaria *linkar* o estudo local com análises mais amplas, passando pelas dinâmicas regionais e depois globais, e alcançar o entendimento de que tudo está conectado, tanto quando partimos do micro para o macro ou do macro para o micro.

A segunda crítica feita foi quanto aos conteúdos ensinados nas escolas, e essa questão influencia diretamente no desenvolvimento das práticas pedagógicas durante um ano letivo. Acredita-se que os conteúdos selecionados para o desenvolvimento dentro de sala de aula não são suficientes para abastecer os alunos com os principais eixos temáticos que a geografia tem intenção de transmitir. Um ponto fundamental citado na crítica à estruturação dos conteúdos é a falta de padronização das matérias ensinadas nas escolas a nível nacional, estadual e municipal; esta falta de padrão é algo com que o nosso município de Seropédica também sofre, pois sem o mesmo não temos como avaliar e planejar as práticas dentro de sala de aula. E quando temos uma tentativa de padronização, como no caso do estado do Rio de Janeiro, os professores não podem interferir na formação desse currículo.

Essa exclusão dos professores desses planejamentos pode ser vista como mecanismos para a formação de uma sociedade acrítica, pois encontramos na classe dos professores profissionais que na maioria das vezes possuem uma opinião crítica sobre diversos assuntos “delicados” para os governantes e também pela certeza de que com a entrada dos professores nesses processos os alunos sairão mais completos como cidadãos e críticos da sociedade em que vivem.

A última crítica, que tem o caráter mais relevante, é quanto às estruturas dos ambientes escolares e das condições dadas aos profissionais da educação. Os professores – não apenas em nosso estado, mas, sim, em todo o nosso país – não recebem a valorização e condições necessárias para o desenvolvimento pleno do seu papel dentro de sala de aula. Essa realidade também é encontrada pelo professor de geografia, com o agravante da baixa carga horária de aulas para os alunos, quando comparamos a português, matemática e física, que em muitas das vezes não conseguem difundir sequer a importância que nossa ciência tem para a vida social do indivíduo, como cidadão crítico e compreensivo das dinâmicas que o circulam durante seu dia a dia, tanto das atividades econômicas quanto das atividades do meio físico sobre a sociedade. Mas como conseguir essa percepção do aluno sem o tempo para construção de uma aula atrativa/crítica em uma estrutura escolar que não permite a utilização de equipamentos que atraem a atenção dos alunos (*slides, Google Earth*®, vídeos etc.) e sem um material didático de qualidade?

A educação é colocada em xeque pela nossa falta de estrutura, uma vez que também convivemos com a falta de professores em colégios da nossa rede pública. No caso da geografia, a falta de mapas nas aulas é algo a destacar, pois são instrumentos didáticos essenciais para o trabalho do geógrafo educador. Devido a essas condições, a proposta feita pelos autores é de que a formação dos alunos nas aulas de geografia tenha um cunho politizador e crítico para uma melhor projeção educacional e social dentro da nossa sociedade.

Com a explanação dos problemas estruturais da educação e da geografia dentro de sala de aula, partiremos para o trabalho de Regina Cohen sobre os projetos da academia para uma formação mais próxima da realidade das salas de aula, com o texto *“Possibilidades na Formação Docente – Contribuições do Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão Geográfica [NEPEs] às Práticas do Estágio Supervisionado”*.

Os cursos de licenciatura da UFRRJ têm como matérias obrigatórias os estágios e os NEPEs; ambos começam no quinto período das graduações e são complementos da formação profissional docente. Começando pelos NEPEs, para a geografia eles se dividem em quatro temas: conceitos-chave, associação dos conhecimentos da academia para a sala de aula, diversidade e diferenças pelo olhar geográfico e relação sociedade-natureza. Com a proposta de conseguir englobar todas as linguagens que a geografia pode ser transmitida (visual, cartográfica etc.), que pelas diferentes formas de apresentação de conteúdos facilita uma reflexão completa das interações sobre o espaço geográfico em nossa sociedade.

Os estágios supervisionados nos permitem a vivência do dia a dia do professor dentro de uma sala de aula e suas características, porque apenas na convivência é que conseguimos compreender a dificuldade que é ser professor. Encontramos nos estágios, junto com a orientação dos professores encarregados, tarefas que nos permitem apreender esse conhecimento, como: confecção de relatórios, desenvolvimento de projetos em conjunto com os professores das escolas, acompanhamento dos conteúdos ensinados dentro das salas de aula através da comparação com os PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais.

Essas duas atividades, além de aproximar o graduando da realidade, permitem a troca de experiências tanto com os professores dos colégios que os alunos vão



estagiar quanto com os discentes de ensino fundamental e médio. Assim, estas atividades nos fornecem, através da observação, o pensamento deles – que são as peças mais importantes dessa organização chamada escola – sobre as metodologias que são utilizadas dentro das salas de aula.

Regina Cohen encerra o primeiro bloco do livro, que cumpre o papel de primeiro bloco de trazer todo o conteúdo teórico e pragmático da análise do objeto de estudo que é o município de Seropédica e as práticas de ensino para a geografia. A seguir, nos debruçaremos como essas diretrizes influenciaram nos projetos educacionais do subprojeto do PIBID em geografia.

## **DOS IDEAIS DA ACADEMIA À PRÁXIS ESCOLAR**

Os ideais da academia, ainda que de maneira quimérica, ambicionam sanar os problemas da sociedade; mas, em alguns casos, tais ideais ficam apenas orbitando o espaço das universidades, com seus grupos de pesquisa, apresentações de projetos e atividades correlatas, e acabam não colaborando para a sociedade, como era esperado. Um exemplo que foge a essa regra é o programa PIBID, que junto com seus subprojetos, em cada curso de licenciatura, como na geografia, consegue transpor os muros da universidade para colaborar com a comunidade mais próxima dela, como acontece na cidade de Seropédica.

Os organizadores e colaboradores desse livro são experiências vivas de que é possível a criação de pensamentos e filosofias acadêmicas que se encaixem no dia a dia. Suas criações têm que apresentar não só uma explanação dos problemas e causas, mas também precisam nos informar possibilidades a serem seguidas para o desenvolvimento. No decorrer do livro nos deparamos com um material completo que nos possibilita o conhecimento do objeto de estudo, a verificação dos problemas, as possibilidades que existem no olhar dos autores e uma fala crítica. E agora iremos ver alguns dos projetos que são frutos desses mecanismos, pesquisas e discussões que encontramos na primeira parte do livro.

As partes III: *Práticas Educativas em Geografia* e parte IV: *Algumas Atividades Práticas* nos apresentam oficinas do subprojeto do PIBID Geografia. Tais atividades pregam a modificação do modo de transmissão e estímulo ao conhecimento dentro das salas de aula, e os laboratórios desses experimentos foram as próprias escolas do município de Seropédica. Escolhemos três projetos que contemplam três formas diferentes para o ensinamento dos eixos temáticos, que são: *“Jogos Geográficos: o ensino-aprendizagem da geopolítica através de atividades lúdicas”* dos alunos participantes do PIBID Carolina A. Nascimento da Silva, Isaque Vilar Huguenin, Renan Navarro Martins e Tony Ewerton R. de Oliveira; *“A Cartografia Escolar no reconhecimento do espaço vivido”*, dos ex-alunos PIBID: Luciana Neves e Lucas Dias de Souza; e, por fim, *“Geografia e Imagem: Trabalhando a globalização através dos registros de Sebastião Salgado”*, com autoria de Guilherme da Costa Borges e Lara D’Assunção dos Santos. Todos estes até aquele momento licenciandos em Geografia; alguns, atualmente, já professores em escolas públicas e privadas e pesquisadores no âmbito do mestrado acadêmico.

Na primeira oficina que destacaremos, os participantes encontraram na dinâmica de um jogo de tabuleiro a possibilidade de correlacionar um dos conceitos mais importantes da geografia: o conceito de *território*, utilizando-o como engrenagem central para uma correlação de outros importantes pontos. E com ele é possível a introdução de outros conceitos, como o de ideologia, fatores econômicos, políticos que acarretam na disputa por territórios, debates geopolíticos etc. Para o grupo, *“o conceito de território é empregado para representar o espaço onde o homem, uma vez inserido, se apropria, cerca e o delimita”* (SILVA et al., 2015, p. 81). Da mesma maneira, contemplam a relação sociedade-natureza como relação mediada pelo trabalho, que é através dele que as relações de interação acontecem e promovem o aumento das articulações dentro da sociedade. O grupo pega como base a definição de território de dois importantes geógrafos brasileiros, Milton Santos e Marcelo Lopes de Souza, e com elas tentam levar para a sala de aula uma atividade lúdica e diferente do habitual. Trata-se de uma atividade tão rica que é possível pensar até mesmo na possibilidade de reduzir sua escala para a regional e discutir a questão de territórios informais dentro do estado do Rio de Janeiro, com os territórios dominados pelas mais

diversas tribos urbanas, pelo mercado informal e, até mesmo, por facções criminosas; este debate pode fomentar em uma turma de terceiro ano do ensino médio reflexões sobre violência urbana, as diversas funções que um local pode possuir, etc.

Luciana Neves e Lucas Dias de Souza nos aproximam de uma ferramenta fundamental da nossa ciência: a cartografia, uma vez que parte da geografia a necessidade de espacializar os acontecimentos e fenômenos que modificam as relações dentro das comunidades em que vivemos, e parte da cartografia uma primeira aproximação para essa função geográfica. Para isso, a análise do recorte da escala local tende a ser a mais relevante para os alunos, e assim é a escolhida para a inserção correta da importância cartográfica dentro da formação educacional e social do aluno, uma vez que é o recorte geográfico de que os alunos conseguem ter mais informações e similaridade, levando-os a ter uma aproximação mais rápida e completa do objeto. Junto com essa escala local, recorrem a um conceito geográfico que é o de lugar, que é a espacialidade que construímos relações sentimentais que as transformam em afetividades em nossos pensamentos e onde ocorrem os desdobramentos das atividades dos agentes do espaço das escalas regionais e global.

A proposta foi colocada em prática em turmas de sexto e sétimo ano do ensino fundamental, que na visão dos elaboradores já costumam possuir um conhecimento e uma boa percepção das áreas dentro de sua escala local, mesmo não sabendo a diferença entre as escalas. Informam-nos, porém, que as crianças não tinham noções básicas de cartografia e que enfrentavam a falta de professor de geografia. Outro ponto que salientaremos é a divisão entre as turmas da vida escolar para cada parte da cartografia ser desenvolvida, propondo: para as turmas de segundo até o quinto ano, a alfabetização cartográfica; as turmas do sexto ao nono, com análise, localização e correlação cartográfica; para o ensino médio, análise, localização, correlação e síntese dos mapas.

Nesse projeto encontramos a necessidade fomentada dentro dos debates acadêmicos na UFRRJ, com os avanços do PIBID e seu subprojeto em geografia, de transformar a realidade da sala de aula, e ratificam isso numa parte do texto que é: *“dessa forma, nosso objetivo foi muito além de apenas suprir uma carência da escola, mas também de despertar o interesse dos alunos pelo tema”* (NEVES, SOUZA, 2015, p.

94). Isto nos possibilita a confirmação da diferença que é ter um projeto para auxiliar e moldar as discussões dentro da academia.

A última oficina que destacaremos na obra resenhada é o projeto realizado pelos alunos Guilherme da Costa Borges e Lara D'Assunção dos Santos, intitulado de *“Geografia e Imagem: Trabalhando a Globalização através dos registros de Sebastião Salgado”*. O que nos chama mais atenção para esse projeto é a possibilidade da introdução da interdisciplinalidade, visto que, com a utilização das imagens, é possível buscar relatos do mesmo local para compará-las adentrando em fatores históricos que ocasionaram as transformações do ambiente. A proposta dos desenvolvedores da oficina era apresentar realidades que não são compatíveis com as do nosso cotidiano, mesmo com o advento da globalização. E, para essa apresentação, são utilizados os registros do consagrado fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado, que sempre buscou utilizar a fotografia como um meio crítico para questões políticas e sociais.

A atividade consiste em duas partes, sendo a primeira com o objetivo de apresentar ou relembrar conceitos-chave sobre o tema globalização, e a segunda a distribuição das imagens para os alunos junto com um curto questionário para ser respondido sobre cada imagem; tal questionário inquiria de onde e de quando a imagem é, o que chamou mais atenção, e se a paisagem ou etnia foi afetada pelo modelo capitalista. Com o trabalho realizado, o veredito dos mediadores da oficina é de que as opiniões dos alunos estão, via de regra, ligadas a estereótipos, são obtidos através dos meios de comunicação mais populares, e que é necessária a abertura das fontes de conhecimento para os alunos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A obra como um todo consegue nos transmitir uma facilidade de compreensão sobre os seus objetivos; mesmo tendo um formato de conjuntos de textos de diferentes autores, encontramos coerência entre as falas e ratificação dos ideais pregados nos capítulos/partes mais teóricos nos projetos e oficinas que estão presentes neste livro. As falas sobre Seropédica e seus avanços econômicos, em

particular nos escritos de André Santos da Rocha e Leandro Dias de Oliveira, se complementam, algo que prossegue nos textos sobre as fragilidades encontradas dentro da educação e suas propostas, que são facilmente encontradas dentro das oficinas PIBIDs em geografia.

Os moldes das nossas universidades brasileiras ainda carregam um ar mais egocêntrico e de restrição, tanto para quem convive dentro delas como também, e mais ainda, para quem está do lado de fora; tanto para quem está esperando sua vez de ingressar quanto para quem divide com ela o mesmo espaço geográfico. E esse livro nos permite a reflexão sobre qual é o papel da universidade com sua comunidade, e como podemos, como parte dela, criar maneiras e artifícios de melhorar o espaço que usufruímos. E vemos nessas pesquisas e oficinas do subprojeto do PIBID em geografia frutos dessa mentalidade de pagar a “dívida” que temos, sempre com a discussão acadêmica no seu cerne, encontrando possibilidades de enriquecer os alunos que viveram essas oficinas com mecanismos diferentes de aprendizagem e com outros olhares. Por fim, agradecemos os esforços dos participantes no projeto pela bela obra realizada.